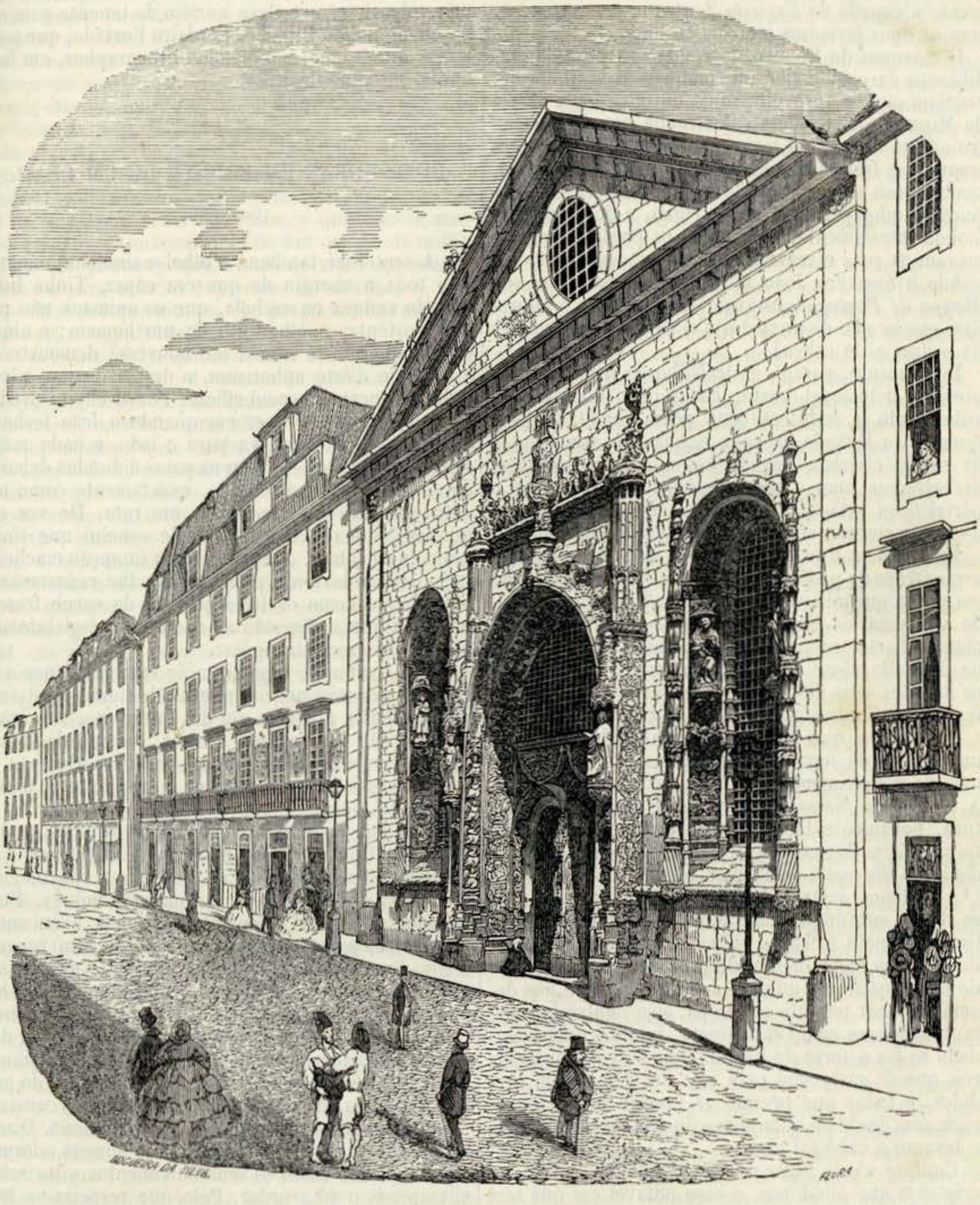


Egreja da Conceição Velha em Lisboa.

O elegante portal, que hoje admirâmos na rua direita da Alfandega, proximo ao sitio que se denomina da *Ribeira Velha*, cercado de casaria de prosaica apparencia, e dando entrada para uma egreja não muito ampla, sombria e desgraciosa, é o que nos resta do soberbo templo que pertencia á Santa Casa da Misericordia de Lisboa.

Muitos annos se conservou a piedosissima confraria ou irmandade que conhecemos por aquelle nome, em uma capella existente no claustro da Sé, onde fôra instituida, em 1498, por fr. Miguel Contreiras, religioso trinitario, sob os auspicios da rainha D. Leonor.

Conhecendo D. Manoel o alcance da caridosa fundação de Contreiras, e querendo dotal-a de um edificio digno d'ella, e que servisse convenientemente aos altos fins que se tinham em vista, mandou-lhe erigir um soberbo templo, que aliás se concluiu sómente no reinado de D. João III, seu successor, para onde se transferiu a respectiva irmandade em 25 de março de 1534, com uma solemnissima procissão.

Aos lados da egreja, que era vasta e pelo estilo da de Santa Maria de Belem, havia para donzellas pobres dois recolhimentos, que apesar de separados, tinham communicação um com o outro e tribunas para o corpo da egreja, bem como muitas outras

officinas com a necessaria largueza, formando tudo uma vasta quadra que occupava o espaço que vemos hoje preenchido com um grande quarteirão de casas. O horroroso terremoto de 1755 lançou por terra quasi toda a egreja, conservando-se em pé unicamente a capella do *Espirito Santo* e a porta travéssa com as duas formosas janellas ao lado.

O marquez de Pombal, logo que se tratou da reedificação da cidade por um plano novo e uniforme, ordenou que se aproveitasse da antiga e bella egreja da Misericordia o que a catastrophe poupára, construindo-se no mesmo logar um templo para ser entregue aos freires da ordem de Christo, cuja egreja, tambem sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, tinha padecido grave ruina, e devia ser demolida inteiramente, bem como os predios que formavam as ruas e travéssas proximas, as quaes, segundo o assevera João Baptista de Castro, no seu *Mappa de Portugal*, estavam tão confusas e alteradas, que se não distinguiam n'ellas mais que montes de pedras e de caliça!

Infelizmente, porém, ao trabalho de reconstrucção presidiu detestavel gosto, como póde observar-se, entendendo o architecto que podia rematar, como rematou, a fachada da nova egreja com um frontão de estylo classico, ficando assim em desagradavel desharmonia com a restante fabrica. Entretanto o portal ficou intacto, e devemos, ainda assim, agradecel-o a quem quer que dirigiu similhante obra.

Em 1813, sob pretexto de dar mais luz á egreja, arrancaram do portal um grupo de figuras esculpidas em pedra que alli estavam collocadas, representando a imagem de Nossa Senhora da Misericordia, de manto aberto, sustido por dois anjos, e a seus pés, de um lado el-rei D. Manoel, a rainha D. Maria, e os infantes seus filhos, todos de joelhos, e do outro fr. Miguel Contreiras, instituidor, e varios prelados.

Este grupo, que occupava o logar onde está agora uma grade de ferro e uma vidraça, tem vinte palmos de comprimento, e é composto de sete pedras. A estatua de Nossa Senhora mede treze pés de altura. Felizmente tão preciosas esculpturas existem na sachristia da actual egreja, e nós, com o escriptor distincto de quem houvemos estes esclarecimentos, (¹) pedimos instantemente a quem competir, que se repare este inqualificavel acto de estupido vandalismo, e que a fachada, ao menos, da Conceição Velha, formoso monumento de uma epocha gloriosa, e de uma instituição que nos honra, e de que nos devemos ufanar perante a Europa, seja totalmente restaurada, como com tanto acerto, intelligencia e cuidado se fez á torre de Belem. Dois ou tres contos de réis que se gastassem para este fim não seriam perdidos, e todos que prezam as nossas cousas louvariam sem duvida a administração que emprehendesse e levasse a cabo tal obra.

Cumpre n'este logar rectificar, tambem com o escriptor a que alludimos, o erro notavel em que tem caído muitos litteratos, dizendo que a egreja da Conceição Velha fôra synagoga dos judeus.

Já Damião de Goes, na chronica de el-rei D. Manoel, quarta parte, capitulo 85.°, ennumerando as egrejas, mosteiros e outras obras mandadas erigir por D. Manoel, declara positivamente que elle « *fez de nouo* a casa da confraria da Misericordia da cidade de Lisboa, obra muito magnifica, e ha doctou de hum conto de renda cada anno para entretimento dos orfãos pobres, e demais quinhentos mil reaes cada anno pera outras obras pias, etc. », tendo dito anteriormente que « fez de nouo a egreja de Nossa Senhora da Concepçam de Lisboa, no logar *em que fôra a synagoga de judeus;* » João Baptista de Castro o declara com muita especificação; mas quando não houvesse outras provas, para nos convencer de que a actual egreja da Conceição Velha occupa o logar do sumptuoso templo da Misericordia, bastaria a planta da cidade de Lisboa, levantada em 1650 pelo architecto Diogo Nunes Tinoco, documento inestimavel, cuja vulgarisação se deve ao zêlo do tenente general Eusebio Candido Pinheiro Cordeiro Furtado, que possuia o autographo, e o mandou lithographar, em facsimile, no anno de 1853.

(¹) O sr. I. de Vilhena Barbosa.

DOZE HORAS EM FRENTE DE UM LEÃO.

(Conclusão).

« Assentei-me tambem, e olhei-o similhantemente, com toda a energia de que era capaz. Tinha lido, quando andava na eschola, que os animaes não podem sustentar o olhar fito de um homem; e ainda que a experiencia nunca me houvesse demonstrado a verdade d'este aphorismo, o desejo de me salvar fazia-me encaral-o como efficaz. Pouco effeito produziu infelizmente. De vez em quando o leão fechava os olhos, ou os desviava para o lado, e nada mais. Finalmente deitou-se, com as patas dobradas debaixo de si, e o focinho estendido, exactamente como um gato quando está namorando um rato. De vez em quando lambia os beiços; d'onde conclui que tinha acabado de comer. Adivinhei-lhe a intenção e achei-o logico. Guardava-me para quando lhe renascesse o appetite; e como os leões gostam da carne fresca, esperava que a digestão se operasse completamente para depois me estrangular.

« Era realmente uma situação critica. Li nas viagens de um missionario, que um hottentote estivera vigiado d'esta maneira um dia inteiro por um leão; mas, se não me engano, á noite, tomado de somno adormeceu, e quando acordou, já não viu o leão.

— Sei essa historia, disse eu ao negociante; o hottentote foi feliz.

« Pela sua constituição physica e costumes, continuou mr. Hutton, o leão não é na realidade mais do que um gato grande. Ha quem louve a sua magnanimidade, e a attribua a sentimentos nobres. Puro engano! Quando o leão não tem fome, e encontra uma presa, passa muitas vezes adiante sem reparar n'ella. Raras vezes mata pelo prazer de matar; um gato faz o mesmo, se lhe não incutiram outros habitos. Um gato quando não tem fome brinca com o rato. Dir-me-heis que procede isto de uma cruel disposição. Enganaes-vos. Guarda-o vivo para quando tiver appetite. Segundo affirmam os naturaes do paiz o leão pratica do mesmo modo em certas circunstancias; principalmente se comeu carne humana. Dizem que n'este caso o leão espera que o homem adormeça, e vigiando todos os seus movimentos salta sobre elle apenas o vê acordar. Pelo que respeita ao leão que guardava o hottentote, foi de certo obrigado a fugir em quanto este dormia, por alguma causa extraordinaria. Eu não alimentava a mesma esperança! Estarei vivo por tanto tempo, dizia eu, quanto podér conservar os olhos abertos; mas, se adormecer, acordarei entre os dentes do leão. »

Ouvindo estas palavras, estremeci a meu pesar, e não pude conter uma exclamação d'horror.

« Não receeis pela minha sorte, continuou mr. Hutton sorrindo; vedes-me vivo e de perfeita saude. Queria fazer-vos comprehender o perigo, em que estive, antes de vos dizer como escapei d'elle. Tendo passado a noite da maneira que sabeis, sentia-me com muita fome e vontade de dormir. Felizmente trouxera comigo um frasco cheio d'agua, e esgotei-o pela manhã, de modo que não tinha sêde. Sem esta

prevenção não resistiria, por certo, ás emoções e fadigas do dia. O sol ergueu-se brilhante, como acontece ordinariamente n'aquelles desertos. Apenas appareceu no horisonte dardejou torrentes de chammas que abrazaram a areia em torno de mim. No meio d'este duplo foco calorifico a minha pelle parecia reduzir-se a cinzas. Um chapéo de feltro de abas largas, e coberto de pennas d'avestruz, me abrigava a cabeça da acção dos raios directos do sol; comtudo nunca elle me parecêra tão ardente, talvez por não ter comido nem dormido. Não obstante conservava toda a presença de espirito, espreitando a occasião opportuna de fugir. A minha gente poderia tomar animo, vindo em chusma para me salvar; porém ah! eu sabia quanto eram medrosos, e que não se atreveriam a aproximar-se além de um quarto de milha. Então era provavel que o leão os visse aproximar, corresse para mim, e me tirasse de duvidas.»

— Mas por que motivo, lhe perguntei eu, não carregaveis a espingarda?

« — Tentei-o, respondeu elle, mas apenas fiz o primeiro movimento, o velhaco levantou a cabeça, e resmungou como se me quizesse dizer: « Nada de espertezas, meu rapazote, aliás....» No caso de que eu continuasse, teria caído sobre mim antes de eu ter tempo de tirar a polvora. Era um leão enorme, o maior que hei visto, com uma cauda excessivamente comprida, e olhar muito sagaz. Não imaginaes quanto é grande e profunda a astucia dos leões velhos. O que tinha diante de mim conhecia perfeitamente que a minha espingarda era uma arma como outra qualquer; sabia tambem, segundo julgo, que a minha gente estava nas proximidades, porque de vez em quando lançava os olhos para o lado do acampamento. Quando terminava similhantes reflexões, batia-me o coração tão violentamente, que parecia despedaçar-se, e escorria-me o suor por todo o corpo....»

— Não era sem causa! exclamei eu. E o leão permaneceu immovel durante todo o dia?

« — Pelo contrario, continuou o negociante. A sua continua agitação causava-me uma anciedade incrivel. Um bando de zebras passou junto de nós; quando viram o leão, voltaram-se precipitadamente, e caminharam n'outra direcção. O leão levantou-se, fez meia volta, e olhou vivamente para as fugitivas. Como os leões gostam muito da carne de zebra, tive por um momento esperança de que este me abandonasse para correr atraz d'ellas. Mas julgou preferivel o positivo ao incerto; voltou-se, deitou-se outra vez, rugindo de um modo espantoso, e olhando-me com maior avidez ainda, como para me dizer: « Olha, meu amigo, por ti perdi uma zebra; não cuides pois que te abandono.» Podeis bem imaginar, que no fundo do meu coração amaldiçoava mil vezes o terrivel animal.

« Um novo alarme soou de outro lado. Vi o leão olhar attentamente para o logar onde tinham ficado os meus carros, como já tinha feito duas ou tres vezes, depois levantar-se, rugir com colera, arreganhando os beiços e mostrando os dentes, como se tivesse presentido alguma cousa desagradavel. Soube depois que a minha gente, instigada por Apollo, se tinha armado, e avançára até ao cume da collina. D'este ponto a sua vista excessivamente penetrante permittia-lhes descobrir o leão; por isso, logo que elle se levantou, e voltou para o seu lado, deitaram a fugir para os carros, onde se intrincheiraram, meios tontos de medo. Passado algum tempo tornou o leão a deitar-se defronte de mim, estendeu as patas, abriu a bocca, piscou os olhos, e pareceu-me cansado da sentinella. Decididamente porém havia resolvido ficar alli até á noite; porque, se não fosse isto, ajustaria logo as contas.

« Proximo á noite ouvi rugir ao longe. Aquelle bramido longinquo pareceu-me contrariar muito o leão. Pelo som da voz julguei reconhecer uma leoa, que procurava o seu companheiro. Este levantou-se, e tornou-se a deitar repetidas vezes, indo para um e outro lado com gesto ameaçador, farejando a terra, como se estivesse indeciso e perturbado; entretanto conservou-se calado, e os rugidos da leoa enfraqueceram pouco a pouco. Foi o momento em que senti maior inquietação; porque, se o leão respondesse á sua companheira, como provavelmente ella havia de ter fome, ter-se-hia aproveitado sem ceremonia da appetitosa ceia que o seu esposo reservára para si até áquelle momento. Segundo as apparencias, o velho scelerado teve a mesma idéa, e julgou prudente ficar socegado.

« Finalmente chegou a noite. As estrellas espargiam a sua brilhante luz, porém não havia luar. Custava-me a distinguir os objectos mesmo a pouca distancia, e mal differençava o cume das montanhas. O leão immovel formava uma massa informe perto de mim. Tinha a certeza de que elle não dormia, e observava todos os meus movimentos. De vez em quando, voltava para mim os olhos, que brilhavam como carvões accesos. Apenas me restava uma esperança de salvação. Permanecendo immovel e silencioso, conseguiria talvez fatigal-o, esperando que uma circunstancia repentina e extraordinaria lhe chamasse a attenção para outra parte, como na aventura do hottentote. Entretanto, para tentar esta ultima sorte era preciso conservar-me acordado, o que se me tornava assaz difficil. Sentia-me opprimido de fadiga e de somno, pois havia trinta e seis horas que não dormia, e vinte e quatro que não comia. Quantas sensações desagradaveis senti durante este tempo! O ar corria fresco, e esta deliciosa viração, depois de um dia ardentissimo, parecia convidar-me a dormir. Um profundo silencio reinava em torno de mim. Só a grande custo conservava eu os olhos abertos. De vez em quando sentia pender a cabeça, mas erguia-a atterrado pela idéa de que o leão se dispunha a saltar sobre mim. Horrivel situação! Ainda hoje estremeço quando penso n'ella. Estava como um condemnado á morte, que accommettido de terrivel pesadelo, acorda sobresaltado, pensando que no dia seguinte será executado. Julguei que não poderia supportar durante uma noite tão cruel situação. Era superior a todas as forças humanas!

O negociante calou-se por espaço de alguns minutos, tornando-se triste e pensativo como um homem pungido por penosas recordações. Entretanto cobrou animo, e proseguiu na sua narração.

« Duas ou tres horas depois de anoitecer, senti os animaes vir beber á lagôa. Alguns passaram perto de mim, porém não os vi. O leão, que os via perfeitamente, contentou-se em levantar a cabeça quando passavam junto d'elle. A esperança de que elle se esquecesse de mim por sua causa abandonou-me depressa. De repente levantou a cabeça, olhou para mim, e começou a rugir. « Chegou o momento! disse eu comigo mesmo.» Levantou-se e rugiu com mais força, mirando-me sempre muito fito, segundo me parecia. Preparei-me então para o combate, tendo a espingarda na mão esquerda, e o lenço d'assoar na direita. Era minha intenção atravessar-lhe a coronha da espingarda nas goelas, e suffocal-o com o lenço, empreza na verdade arriscada, mas a minha ultima taboa de salvação. Não queria morrer sem ter tentado este derradeiro esforço. Realmente estava desanimado. O meu unico desejo era luctar com aquelle leão que me perseguia desde pela manhã, que eu odiava, e a quem pretendia fazer todo o mal que podesse.

Foi ainda um rebate falso. No fim de alguns mi-

nutos o feroz animal socegou novamente, e deitou-se. Não o fez porém como das outras vezes, mas estendendo o focinho para mim, á maneira de um gato que examina attentamente algum objecto. A final estendeu-se no chão, como parecendo inteiramente socegado; porém, ao cabo de dez minutos, ergueu-se repentinamente, e bramiu com espantosa ferocidade. Lembrou-me então que talvez outro animal da mesma especie se me aproximasse por detraz, e que o meu guarda se oppozesse á partilha da presa. Affigurou-se-me que a minha sorte ia ser depressa decidida. Cheguei tambem a suppor que a minha gente tentava soccorrer-me a coberto das trevas; mas teriam aquelles fracalhões animo para me livrar? Como bem podeis imaginar, não tinha já vontade de dormir. O leão, de pé, continuava a bramir, caminhando para um e outro lado como duvidoso do partido que devesse tomar. Acabou por se decidir, e vi que preparava um salto. Era chegada a minha hora.

«N'este momento, um grito longinquo soou atraz de mim, e uma grande chamma alumiou o espaço. O grito durou um ou dois minutos, e um individuo, cuja cabeça e hombros pareciam estar a arder, precipitou-se no intervallo que me separava do leão. O animal deu um rugido medonho, mais de susto do que de furor, e se entranhou, aos saltos, na escuridão. No individuo que chegava tanto a proposito, reconheci Apollo. O fogacho que elle trazia na cabeça já não brilhava, mas conservava em cada mão um ou dois troncos accesos que agitava no ar, saltando e gritando freneticamente. Tinha a apparencia de um verdadeiro demonio, supposto fosse para mim um anjo libertador. O pobre diabo estava tão atemorisado, que apenas podia fallar, não dando attenção ao que eu lhe dizia. «Carregae a espingarda! carregae a espingarda! gritava elle sem cessar. O terrivel animal não tarda ahi; carregae a espingarda!»

«Aproveitei o conselho. Levantando-me do chão, achei-me de tal modo inteiriçado, que me julguei paralytico. Porém o sangue não tardou a circular, e apenas acabei de carregar a espingarda, encaminhámo-nos para o acampamento. Apollo corria adiante de mim, ainda cheio de medo, levando na cabeça um facho, e um archote na mão direita, saltando e gritando como um louco, para afastar os animaes ferozes. Chegámos finalmente ao acampamento. Comi primeiro, e mal acabei, perguntei ao meu salvador o que se tinha passado durante a minha ausencia, e a maneira por que se houvera para me livrar do perigo.

«O pobre rapaz empregára todo o dia em determinar os seus companheiros a vir soccorrer-me. Pela manhã fizeram uma tentativa, como vos disse, mas a coragem abandonou-os logo ao primeiro passo. Á noite, Apollo resolveu salvar-me por si só, e para este fim empregou um meio engenhoso. Pegou n'uma grande frigideira, cobriu-lhe o fundo de polvora, e borrifou-a sufficientemente com agua para que levasse mais tempo a arder; deitou-lhe palha em cima, com alguma polvora sêcca misturada, e sobrepoz-lhe um molho de raizes e páosinhos cortados muito miudo. Apenas anoiteceu, poz a frigideira á cabeça, e avançou para o sitio em que eu tinha ficado. Quando chegou a meio caminho, mudou de posição; rojando-se pela terra de vagar e com precaução conseguiu aproximar-se a distancia de cem passos sem que o leão désse por elle. Foi n'este momento que o animal se levantára pela primeira vez, e começára a rugir. «Aquella voz estrondosa, disse Apollo, gelou-me o sangue, e estive quasi a cair desmaiado.» Conservou-se comtudo immovel até que o leão socegou, continuando depois a rojar-se por entre o mato, ganhando apenas uma ou duas pollegadas em cada movimento; e quando tinha avançado alguns passos tornava a parar durante um minuto. Finalmente, logo que se julgou bastante perto, tirou um phosphoro de uma caixa que trouxera das bagagens, e accendeu-o. Apenas o chegou á palha inflammou-se esta immediatamente. Em quanto se faziam estes preparativos é que o rei do deserto mostrára tão grande furor. Porém Apollo não lhe deu tempo de se prevenir: saltando precipitadamente para entre nós com a frigideira na cabeça, e os ramos inflammados na mão direita derrotára do primeiro golpe o seu adversario. Comprehendeis de certo agora por que eu lhe sou tão affeiçoado. Desenvolveu mais espirito e coragem para me salvar a vida, do que teria talvez empregado para livrar a sua.

Effectivamente reconheci que o pobre Apollo se portára bem, e merecia todos os beneficios que o negociante podesse fazer-lhe. Quanto ao leão suppuz que nunca mais se tivesse ouvido fallar n'elle.

«— Enganaes-vos, me disse Hutton; tinha uma certa continha a ajustar com elle, pelas horriveis torturas que me fizera experimentar durante doze horas. Ora como era evidentemente um leão anthropophago, convinha dar-lhe cabo da pelle. Estava certo que elle se não afastaria da lagôa em quanto os meus bois se conservassem no acampamento. Além d'isto sabia que dois outros negociantes Johnson e Leroux me seguiam a dois dias de marcha. Resolvi esperal-os, e fizemos então uma expedição em commum com todos os nossos criados e cães. Perseguimos sem descanso, durante dois dias, a terrivel fera, sem poder fazel-a sair da caverna, situada no meio do matto. Quando finalmente appareceu, Johnson, que se achava mais proximo d'elle, matou-o com uma bala. Foi um tiro de mestre; a bala entrou-lhe na espadua direita, e saiu-lhe pelo flanco esquerdo. Dei ao vencedor cinco libras esterlinas pela pelle, que mandei empalhar, e conservo em minha casa em memoria do dia que passei em frente do animal, bem como do seguinte. Considero o primeiro como o peior da minha vida, e o segundo como o mais feliz.»

BIARRITZ.

Em todo o meio dia da França não ha mais famosa estação de banhos de mar do que Biarritz.

Pequena aldeia, situada na costa do temeroso mar de Biscaya, Biarritz dista de Bayona 6 kilometros ao NO., ou pouco mais de uma legoa portugueza de 18 ao grão.

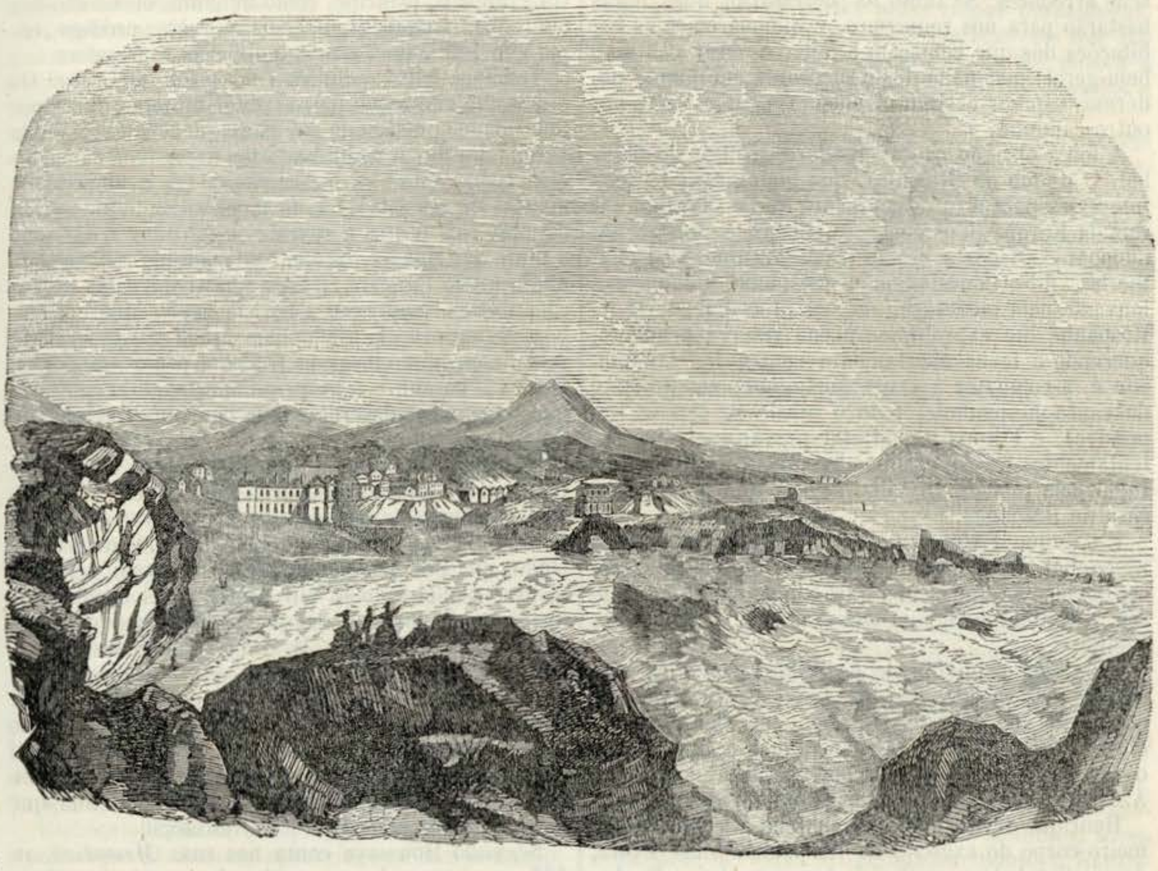
Sempre foi mais ou menos notavel este sitio pela excellencia dos seus banhos, e a pequena povoação de pescadores, apesar de mesquinha, desaceiada e deselegante, apresentava, na epocha propria, muita animação, proveniente da grande quantidade de enfermos de diversas terras convisinhas, que alli buscavam remedio a seus achaques; mas o numero d'aquelles era, ainda assim, n'esse tempo insignificante, relativamente fallando, porque, além dos descommodos que se experimentavam em Biarritz, para lá ir era mister atravessar caminhos quasi que intransitaveis, reduzindo-se os meios ordinarios de locomoção ao que nós cognominâmos *cangalhas*, assentes sobre o lombo de magro e pequeno cavallo; em um dos lados ía o conductor ou a conductora, do outro o viajante: tão singular vehiculo, que forneceu muitos annos depois o modelo para os chamados *cacolets*, de que usa o exercito francez para conducção dos feridos, não devia de certo facilitar a frequencia d'este ponto, porque realmente nada tinha de agradavel nem de commodo, e não era isento de perigos, quando havia a atravessar caminhos fragosos, ou antes uma serie de desfiladeiros e barrancos.

Hoje, porém, que uma excellente estrada conduz

de Bayona a Biarritz, o numero dos visitantes vae augmentando a um grão espantoso, e a importancia da antiga aldeiola deve tambem crescer na mesma proporção.

O logar onde se tomam os excellentes banhos de mar, que tão celebrada tornaram Biarritz, chama-se *Porto Velho*. É como uma grande e profunda cuba, cujas paredes são construidas de rochedos a prumo. Esta especie de arena, que se assevera não ser maior que o afamado amphitheatro romano de Nimes, communica com o mar por uma estreita garganta dominada por dois penedos. O fundo d'esta como furna, que na vasante está sempre em sêcco, enche-se de agua na preamar, e em roda, ao sopé das rochas, estão construidas cabanas regulares, formando uma galeria circular, onde se encontram gabinetes para os banhistas, e lojas de todas as cousas que lhes podem ser necessarias. Uma corda passada á entrada da garganta indica até que ponto os banhistas podem avançar sem risco. O aspecto de tantas lojas, de tantos *costumes* de banhos, de tantas lavadeiras e botiquineiros, de tantos banhistas e nadadores, reunidos a tão enorme profundidade, dá ao *Porto Velho* uma physionomia inteiramente diversa da de todas as outras estações de banhos de mar.

A nossa gravura representa Biarritz vista do logar em que está assente o pharol, desenhando-se ao longe, no horisonte, as montanhas da Hespanha.



Biarritz.

D. ANTONIO, PRIOR DO CRATO.

(Continuação).

Não obstante tudo isto, o prior do Crato estava mui longe de suppor-se consolidado no throno, não só pelo que dizia respeito ás tentativas de Hespanha, como pelo que tocava ao espirito dos portuguezes: sentia em todos os seus triumphos uma arriscada instabilidade, que a cada passo lhe fazia tremer a terra debaixo dos pés. Tentou mais uma vez approximar-se da casa de Bragança, e fez ao duque novas propostas, tão inutilmente como as primeiras. — « Fez tudo quanto pôde (diz de D. Antonio m.me Gillot de Sainct-Onge) para trazer o duque de Bragança a unir-se-lhe, crendo que, se obrássem de commum acôrdo, lhe seria mais facil resistir a Filippe; mas isso só serviu para dar-lhe a conhecer que o duque tinha outras vistas, e não devia contar com elle, nem com o marquez de Villa Real. » (1)

(1) *Hist. sec. de D. Antonio*, 58-59.

Entretanto, ainda que o duque de Bragança estava mui longe de tomar o partido de D. Antonio, não queria tambem declarar-se contra elle, e permanecendo em Setubal com os governadores, prestar a esta rebellião funesta a auctoridade do seu nome e da sua influencia. Pensava que era prejudicar muito a causa de D. Antonio, que, a final, era, com a sua, a unica causa portugueza; e isto sem mais vantagem que para Hespanha, sempre prompta a aproveitar quejandas dissenções. O duque bem sabia que para resistir a Filippe II era preciso nada menos que Portugal inteiro unido e forte.

Para respeitar os proprios direitos, rivaes dos de D. Antonio, conservava-se o duque de parte, nada tentava para reunir partidarios, que lhe seriam inuteis, nem para impedir que Portugal se grupasse com unanime ardor á roda do prior do Crato. O seu primeiro passo n'este plano prudente, e talvez generoso, foi deixar Setubal, abandonar os governadores revoltados á sua rebellião, e deixal-os assim nas mãos

da populaça, que com effeito não se demorou muito em se insurgir tambem, para entregar a villa aos operarios e camponezes partidarios de D. Antonio, que correram sobre ella.

Conestaggio faz desprezivel descripção das forças portuguezas, que eram por D. Antonio comparadas com as de Hespanha. Os operarios, levantando-se em massa, tinham cumprido a promessa feita em seu nome pelos mestres, sapateiro e oleiro; mas ainda assim não realisaram as ameaças, tambem por elles feitas, de destruirem e incendiarem os bens dos nobres addictos á causa de Hespanha, como o tinham promettido aquelles seus representantes n'estas palavras: — « Podeis estar certos d'uma cousa, e é que, para a defesa dos nossos direitos, e castigo dos portuguezes versateis, estamos promptos a levantarnos com quinze ou vinte mil homens da cidade e seus arredores. Se tanto for necessario, duas horas bastarão para nos reunirmos, e queimaremos as habitações dos que começam a fallar e obrar contra o bem geral; mas nada d'isto succederá em quanto podérmos esperar castigo e remedio a estes males por outro caminho. »

A força obrigou os governadores a fugir de Setubal. O duque de Bragança, que quer salvar os seus interesses para o futuro, procura que o suffragio dos reis da Europa lh'os consagre. Chega a prestar um momento ouvidos a certas propostas que Filippe II lhe faz (dil-o Conestaggio); mas como, ainda que o louvasse pela moderação do seu proceder, o rei de Hespanha lhe exprobrasse a sua reserva prudente, querendo-o levar abertamente contra D. Antonio, isto é, a combater a causa portugueza em proveito da causa hespanhola, todo o ajuste se tornou impossivel; e Filippe II, para lhe provar o seu descontentamento, fez começar as hostilidades contra Portugal pela tomada de Villa Viçosa, que pertencia á casa de Bragança. (1)

É o duque d'Alba que marcha á frente do exercito hespanhol. Ou temor da peste, ou desdem pelo seu contendor, Filippe II não quiz commandal-o em pessoa, e contentou-se com observar tudo d'uma praça fronteira.

Alba está já diante de Extremoz, defendida pelo illustre mancebo D. João de Azevedo, almirante do reino, que lhe quer resistir em nome dos governadores, e não no de D. Antonio; mas a praça toma o partido de capitular. As portas são-lhe abertas, e Azevedo é mandado preso para Villa Viçosa.

Henrique de Gusman, que marcha á frente do primeiro corpo do exercito de Hespanha, toma Evora, depois Setubal, e, ganhando terreno, obriga D. Antonio a reentrar em Lisboa. O prior, querendo affectar tranquillidade de espirito, trata de dar festas ao povo; repete-se a dança das forneiras; mas vê-se claramente que esta alegria é facticia, que ninguem crê n'ella, que ninguem participa d'ella, porque não é senão mascara com que se esconde o desgosto de uma má sorte.

Os governadores, que de Setubal se tinham refugiado em Castro Marim, vem dar a D. Antonio com que se entreter. O manifesto que publicam contra elle claramente lhe revela que não tem pela sua parte contra Hespanha toda a nação portugueza, e que, mesmo os seus mais figadaes inimigos, são talvez portuguezes. Por outro lado não é mais segura a sua esperança quando o prior se põe a considerar o exercito, que é a unica força dos seus direitos; não conta por soldados senão homens corajosos, como o são de nascimento os portuguezes, mas quasi todos sem experiencia da guerra: os camponezes, os operarios, odeiam, é verdade, a dominação hespanhola, mas nem todos se resolvem a deixar os lares e os trabalhos, para combaterem a invasão.

A esperança de D. Antonio volta-se toda para o soccorro da França, que Barreto lhe devia trazer, e cuja chegada breve foi encarregado de promover o consul francez Dora, que partira de Lisboa; mas tambem d'este lado não ha noticia decisiva, e é provavel que Catharina de Medicis, sempre prudente, não enviasse a Portugal o menor corpo de tropas, antes de ver o caminho que tomavam os acontecimentos, para se não declarar mui abertamente contra Filippe II, principe, como nenhum, obstinado nos odios, nas vinganças, e, mais que isso, prodigo, como ella bem sabia, em sanguinarias represalias.

Tambem faltava dinheiro ao prior do Crato. Os meios que empregou para o obter minaram-lhe a popularidade, quebrando por consequencia a sua unica verdadeira força. Eram impostos excessivos, lançados com rigor, sobre os mercadores; era a emissão de moedas de má fabrica e do mais baixo toque; eram os mosteiros postos a resgate, e forçados a dar toda a prata que tinham. Não encontrando na milicia burgueza quem quizesse fazer-se ministro d'estas execuções fiscaes, empregou a milicia negra, que em Lisboa organisára. É ainda com ajuda d'esta barbara soldadesca, que obriga os frades a pegar em armas. Dizia-se, porém, e o proprio Conestaggio o confessa, que todas estas desordens não partiam directamente de D. Antonio.

No entanto o duque d'Alba faz todos os dias novos progressos; toma Cascaes e o castello de S. Julião da barra, mais pela traição de Tristão Vaz da Veiga, se se deve dar credito ao que diz m.me de Sainct-Onge, que por sua habilidade, e coragem das suas tropas, manchando-se alli com atrozes crueldades, quaes as de mandar enforcar o governador Henrique Pereira, decapitar D. Diogo de Menezes, etc. Dirige-se em fim sobre Lisboa, ao passo que o marquez de Santa-Cruz, que commanda a armada hespanhola, tambem se aproxima da cidade a panno largo. Começa o terror publico. Muitos da capital observam a D. Antonio, que, se se não sente com forças para resistir ao duque, o melhor partido que havia a tomar era entrar em transacção.

Segundo Houssaye conta nas suas *Memorias*, II, 197, parece que houve começo de negociações n'este sentido. Os pormenores que nos dá são curiosos. — « D. Antonio.... vendo que a armada do rei de Hespanha estava ancorada diante da rocha de S. Julião, que é uma das fortalezas que guardam a entrada do porto de Lisboa, começou a querer pôr-se d'acôrdo com Filippe II, e para esse fim lhe escreveu por D. Diogo de Carcamo, gentil-homem castelhano, auctor do conselho, uma carta assignada simplesmente D. Antonio, pela qual renunciava já tacitamente o titulo de rei, o que parecia dever trazer a conclusão da paz. Mas tudo foi roto pela rusticidade do duque d'Alba, que offendeu D. Antonio, tratando-o sómente por senhoria, quando elle pretendia o titulo d'alteza. Quando o duque quiz reatar a negociação, já era tarde, e D. Antonio respondeu com soberba ao seu enviado, que reis eram reis, capitães capitães, e Deus só arbitro dos reis, distribuidor das coroas, e auctor da victoria. A cedencia d'um reino valia bem um titulo d'alteza; mas o duque, costumado a atuar os grandes, nada lhe custava mais que a civilidade. »

Retomando a soberba, com que n'outra occasião

(1) As razões que á Hespanha oppunha ás pretenções da casa de Bragança, tinham ao menos o merito da singularidade. Watson as substancia na *Historia de Filippe* II, pag. 157 do t. III. — « Os agentes de Filippe na corte de Lisboa (diz elle), convinham em que, se o pae da duqueza de Bragança fosse vivo teria direito incontestavel, mas que tendo morrido sem possuir a coroa, não se devia attender senão ao grão actual de consanguinidade com D. Manoel, e que, como seu amo e a duqueza de Bragança estavam no mesmo grão, devia preferir o varão: sustentavam tambem que a lei que excluia os estrangeiros não podia entender-se com o rei de Hespanha, porque antigamente Portugal pertencêra ao rei de Castella. »

respondêra á intimação de Filippe II, D. Antonio tornou aos seus, que, por pouco que a França o soccorresse, saberia fazer ver ao duque d'Alba que não era tão facil de vencer como imaginava. Para o provar reuniu n'um corpo a sua gente mais resoluta, e foi esperar o inimigo perto d'Alcantara, a poucos minutos de Lisboa. Alli novas instancias dos gentis-homens, para que D. Antonio se não expuzesse á sorte d'um combate desegual, antes procurasse negociar: novas recusas altivas do prior, que com effeito sustenta com bravura o primeiro ataque das tropas hespanholas. Mas a maior parte da sua gente abandona-o logo, e elle proprio se vê obrigado a deixar Alcantara. — «Depois do combate, em que D. Antonio perdêra mil ou mil e duzentos homens, a coragem dos seus resfriou de sorte que o abandonaram; esta fraqueza o obrigou a deixar tambem o seu posto: quando se retirava viu que um dos seus officiaes, que muito amava, corria grande perigo, e deu furioso contra os que o apertavam; mas, livrando-o, foi ferido na cabeça. N'este máo estado entrou em Lisboa, e vendo que não havia postados para defenderem a cidade senão frades, mandou abrir as prisões, e tendo posto em liberdade grande numero de infelizes, saiu da cidade, com a alma cheia de raiva por se ver obrigado a abandonal-a ao seu inimigo.» (1)

Deixando Lisboa, D. Antonio refugia-se alguns dias a cinco legoas da capital, e depois passa a Santarem, onde reune as tropas que lhe restam. D'ahi caminha sobre Coimbra, de Coimbra sobre Aveiro, que recusa abrir-lhe as portas, e que entrega ao saque depois de a assaltar e tomar. A noticia d'estes rigores espanta a cidade do Porto, que lhe resistira até então. Deixando Aveiro para lá se dirige. Abrem-lhe as portas; é d'alli que envia por mar a Catharina de Medicis novo embaixador, D. Antonio de Brito Pimentel, para com instancias novas apressar a chegada das tropas promettidas.

Henrique III e sua mãe fizeram a Brito o melhor acolhimento, e pediram-lhe que assegurasse a D. Antonio, que as tropas estariam dentro em pouco promptas a embarcar. «Mas (como diz ingenuamente m.me de Sainct-Onge (2) isto não passava d'uma delicadeza, que não teve resultado, não sei por que razão.» As razões que a historiadora não parece suspeitar, são entretanto faceis de descobrir a quem conhece o caracter prudente, e tão astutamente contemporisador de Catharina de Medicis.

Corrêra o boato de que Filippe II morrêra de peste em Badajoz. D. Antonio aproveita-se d'isso para inspirar ás suas tropas coragem e resolução, que não tinham tido até alli. Não abandona ainda o Porto para tomar a offensiva; mas fortifica-se lá, e quando D. Sancho d'Avila se apresenta diante da cidade, com quatro mil infantes e quatrocentos cavallos, que o duque d'Alba lhe dera para tentar um ataque, é vigorosamente repellido, e até forçado a pedir ao duque o soccorro de dois regimentos de infanteria, e algumas peças d'artilharia. A traição produziu então contra D. Antonio o que a força não podéra. Durante uma sortida feita para impedir aos hespanhoes a passagem do Douro, alguns traidores que deixára na cidade a entregaram a D. Sancho, que desde então ganhou vantagem, e se lançou na perseguição de D. Antonio (que ficára sem asylo) com uma sanha sem egual, mas felizmente baldada, porque nunca pôde alcançal-o.

Escondido a principio no porto de Vianna, para tentar o seu embarque para França, D. Antonio retirou-se depois ás montanhas. Segundo alguns escriptores, refugiára-se primeiro no Porto, e depois

(1) M.me de Sainct-Onge, *Hist. sec. de D. Ant.*, 68.
(2) *Hist. sec. de D. Ant.*, 70.

andára seis mezes escondido na provincia, a cujas costas fôra arremeçado o navio em que tentára evadir-se.

Em 19 de abril foi D. Filippe II proclamado rei pelas cortes de Thomar. (1)

Das montanhas em que se refugiára o prior do Crato enviou ainda D. Jeronimo da Silva a Catharina de Medicis para lhe representar a sua deploravel situação, e de que ajuda lhe seria em taes apuros os tão promettidos soccorros da França. Contentou-se ella com lhe enviar um navio para o levar de Portugal, e conduzil-o a um porto francez, soccorro de que não pôde logo aproveitar-se, tanto o duque d'Alba e o marquez de Santa-Cruz guardavam bem as costas do reino.

O prior do Crato ainda andou errante de asylo em asylo, durante todo o resto do anno 1580, apertado por todas as partes pelas tropas hespanholas, tendo mesmo tudo a temer dos portuguezes que podiam reconhecel-o, porque Filippe II lhe puzera a cabeça a preço, e promettia oitenta mil ducados a quem o entregasse morto ou vivo. (2)

Os hespanhoes eram por tal modo mal olhados em Portugal, o infortunio de D. Antonio inspirava tamanho respeito, e cercava de tanta magestade a fuga do principe banido, que nem mesmo entre os mais pobres houve um unico homem, que quizesse commetter, nem mesmo por tão alto preço, tamanha cobardia.

(Continúa).

ARCOS MONUMENTAES NA CHINA.

Quem viaja na China encontra frequentemente muitos monumentos, que bastariam de per si para dar a este paiz uma feição original. São arcos de triumpho erigidos á viuvez e á virgindade.

Se uma donzella não quer casar, para ser mais util e dedicar-se a seus paes, ou se uma viuva recusa passar a segundas nupcias, em respeito á memoria de seu defuncto marido, são depois de morrerem glorificadas com pompa e solemnidade. Fazem-se subscripções para erigir monumentos á sua virtude, para o que concorrem os parentes, e mesmo os habitantes da povoação ou do bairro onde morava a heroina que pretendem honrar.

Os arcos são uns de madeira e outros de pedra, com muitos adornos em esculptura, ás vezes de merecimento, e representando animaes fabulosos, flores e passaros de todas as qualidades. Sobre o frontispicio ha de ordinario uma grande inscripção laudatoria á virgindade ou á viuvez, gravada horisontalmente e em letras vasadas. Sobre os lados ou pilastras lêem-se em pequenos caracteres as virtudes e circunstancias da heroina a quem se dedicou o monumento.

Tambem se erigem arcos de triumpho similhantes para honrar a memoria ou os serviços dos bons magistrados e homens celebres. Estas construcções são em geral elegantes e de bello effeito, encontrando-se a miudo nos caminhos publicos, e mesmo no interior de algumas cidades. Em Ning-pô, excellente porto de mar na provincia do Tché-hiang, ha uma extensa rua inteiramente composta de taes monumentos: são todos de pedra, e de rica e magestosa architectura. A perfeição das esculpturas excita admiração em todos os europeus que as vêem.

Quando em 1842 os inglezes se assenhorearam de

(1) De Thou, v, 725 - 760, VI, 80 - 88 — Ferreras XV, 244 - 289 — Miñana, l. VIII, c. 5.
(2) D'Aubigné, *Histoire universelle*, II, 465. «Filippe veiu então coroar-se em Lisboa, e prometteu oitenta mil ducados a quem lhe entregasse D. Antonio. As proscripções eram armas de seu uso.» Voltaire, *Essai sur les Mœurs*, c. 165.

Ning-pô, dizem que tiveram o projecto de arrebatar todos aquelles arcos de triumpho, e de transportar para Londres aquella rua chineza completa. A empreza era digna do genio britannico; mas, ou por temor de irritar a população da cidade, ou por qualquer outra causa, não se realisou o singular projecto.

OS GUEBROS OU PARSIS.

Guebros, da palavra persa *gher*, que significa *infiel*, como os vocabulos turcos *giaour* ou *gaur*, chamam os musulmanos, em geral, a todos aquelles que, não sendo christãos nem judeus, não professam comtudo o islamismo, applicando tal denominação mais especialmente aos adoradores do fogo, discipulos de Zoroastro. (1) Chamam-lhes tambem *parsis*, porque são oriundos de Fars ou Farsistan (a Persia antiga), e *madjus*, do nome dos magos, ministros de Zoroastro. Os guebros adoram o sol, como a imagem da divindade e o typo do fogo mais puro, venerando tambem os outros astros.

O culto do fogo, dominante na Persia desde os tempos mais remotos, cessou alli no reinado de Alexandre e seus successores, os seleucides e os parthos arsacides. Em 225 foi restaurado por Ardechyr Babekhan, fundador da dynastia dos sassanides na Persia; mas em 655, por occasião da invasão dos arabes, o culto do fogo foi proscripto, expatriando-se todos os seus sectarios. Uns retiraram-se para as regiões montanhosas ao S. do mar Caspio, os outros foram para o Guzzarate. As diversas dynastias musulmanas que se tem succedido na Asia os perseguiram encarniçadamente, procurando exterminal-os a todo o custo. Entretanto ainda existem alguns na Persia, em Teheran, em Ispahan, e sobretudo no Kerman. Na India são mais numerosos; vivem pelo litoral do Sind e no Guzzarate; mas póde bem dizer-se que a sua verdadeira patria é Bombaim.



Costume de mulher guèbre.

A breve noticia historica d'este povo singular, que extrahimos do magnifico *Diccionario de Historia e de Geographia* de M. Bouillet, acrescentaremos alguns pormenores sobre os seus costumes, e outras particularidades que nos foram reveladas pelo celebre viajante Chardin. (2)

Depois de explicar a etymologia do nome *guebros*, em que não diverge da que apresentámos, diz Chardin:

« Estes persas idolatras não são tão gentis-homens nem tão brancos como os persas mahometanos; entretanto os homens são robustos, de estatura mais que regular, e boa côr. As mulheres porém são grossas de corpo, e de côr azeitonada escura, o que provem, como julgo, mais da pobreza que da natureza, porque ha algumas que tem mui formosas feições. Os homens usam a barba e os cabellos compridos, vestia muito curta, e um barrete de lã fina, que se parece bastante com um chapéo. Vestem-se de panno, ou de estofo de lã, e de pello de cabra, preferindo a côr parda ou de folha sêcca, talvez por ser a que está mais em harmonia com a sua condição. As mulheres andam vestidas muito grosseiramente; eu nunca vi nada mais feio nem mais desgracioso. A gravura representa uma d'estas mulheres.

« Os guebros são todos, na Persia, ou lavradores, ou serventes, ou pisoeiros e fabricantes de lã. Fazem tapetes, barretes e tecidos de lã finissima. Os nossos chapéos de castor não são mais macios nem mais lustrosos. Eu não vi um só homem que não vivesse do seu trabalho, nem nenhum tambem que se applicasse ás artes liberaes ou ao commercio. A sua profissão primaria é a agricultura, isto é, a jardinagem, a viticultura, e a lavoura propriamente dita. Consideram elles a agricultura não só como uma profissão bella e innocente, mas tambem como meritoria e nobre; julgam que é a primeira de todas as vocações, a mais grata a Deus e aos deuses inferiores, e a que elles mais largamente remuneram.

« Estes antigos persas tem bons e singelos costumes, vivendo tranquillamente sob a direcção dos anciãos, que são os seus magistrados. Bebem vinho, e comem toda a especie de carnes, com excepção da do boi e da vacca, sejam por quem forem preparadas; mas, no resto, são muito exquisitos, não se misturando com os outros povos, e mórmente com os musulmanos. A sua religião não tolera a bigamia nem o divorcio. »

Fieis aos costumes e á religião de seus paes, os guebros ainda hoje vivem isolados e desprezados no meio das populações indiaticas e persas, pouco mais ou menos, como outr'ora os judeus entre os povos catholicos.

Nos ultimos annos tem-se estudado cuidadosamente a religião dos guebros, sendo de presumir que os trabalhos dos sabios que n'esta laboriosa tarefa andam empenhados derramem muita luz sobre a historia e vicissitudes de uma raça, aliás acredora, pelo seu caracter moral, de mais alguma consideração.

(1) Zoroastro, em pehlvi *Zaradot*, em zend *Zeretochtro*, em persa *Zerdust*, auctor ou reformador do magismo ou religião dos persas antigos, dos parthos e dos guebros; nasceu provavelmente na Media, em Alerbaidjan (ou Atropatine) sob o reinado de Gouchtasp (talvez Hystaspe, pae de Dario I). Zoroastro escreveu o *Zend-Avesta* (a palavra viva), livro em que se contém os preceitos da religião de que foi o fundador.

(2) Chardin nasceu em Paris em 1643, fallecendo em Londres no anno de 1713. Enviado de muito moço á Persia para alli exercer o commercio, teve artes de se insinuar no espirito do shah, que não só se constituiu seu protector, mas o encarregou de estudar a historia e costumes d'aquelle paiz. O seu livro *Viagem na Persia*, impresso em Londres em 1686 e 1711, é ainda hoje muito estimado.

Existe uma admiravel relação entre a voz e o caracter: raras vezes uma voz acre acompanha o da doçura; e uma voz demasiadamente meliflua raras vezes deixa de ser a da perfidia.

Os velhos invejam a saude e o vigor dos moços; os moços não invejam o juizo nem a prudencia dos velhos. Uns conhecem o que perderam, os outros desconhecem o que lhes falta.

BASTOS.

Explicação do enigma do numero antecedente.

Portugal foi grande e já imperou no mundo.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 E